

Josafá Linhares – humanista cearense, um clássico da Economia Política no Nordeste (*)

F. Alves de Andrade

Com o passamento de Josafá de Lima Linhares, ocorrido em Fortaleza a 30 de outubro próximo passado, a Academia Cearense de Letras perde uma de suas mais expressivas figuras de intelectual humanista, e o Ceará Universitário um dos seus mais cultos mestres de economia política, que se eleva no chão da província, como tratadista clássico, em sua especialidade, da problemática nacional e regional.

Nascido em Lavras da Mangabeira a 24 de dezembro de 1896, era filho do 2.º matrimônio do farmacêutico Firmino Gonçalves Linhares e de D. Ubaldina de Lima. Seu pai fora chefe político naquele município, tendo falecido em 1900. O casal deu ao mundo intelectual dois filhos:

Joel de Lima Linhares, nascido naquela mesma cidade a 30/08/1895, e Josafá no ano seguinte, já referido. Ambos pertencentes a esta Academia de Letras, Bacharéis pela Faculdade de Direito do Ceará, exercendo o Magistério secundário e superior, assim também, funcionários públicos, integraram-se na lida dos serviços da inteligência.

Assim como nasceram, bem próximos, tombaram um depois do outro, mas, em plena lucidez de avançada idade, tendo acompanhado os movimentos literários e sociais desta nossa cidade, aonde vêm ter os jovens sertanejos que deixam

(*) (Lido na Academia Cearense de Letras em homenagem ao acadêmico falecido).

os sertões, sem poderem ali permanecer, como aqueles dois meninos, órfãos em tenra idade.

Mas é preciso dizer que eles, vindos do interior, onde, como diz Euclides da Cunha, o ser humano se faz homem quase sem ter sido criança, pertenciam à boa cepa dos povoadores do Nordeste. E como em tão vera síntese ensina Câmara Cascudo, “melhor é fazer-se história humana e lógica através de homens que amam e vivem que de nações que matam e morrem”.

Em prefácio à primeira edição do livro *Os Linhares*, retrospecto genealógico sobre essa família, de 1690 a 1954, de autoria do nosso Mário Linhares, de grata memória, revela o antropólogo citado que esta família, vinda do Rio Grande do Norte, estabeleceu-se na ribeira do Acaraú e alastrou-se “dando nascimento a dezenas de troncos que hoje se esgalham sobre os vários outros Estados”. Mostra o historiador a necessidade de fazer o estudo das famílias-tronco, que “será a única forma de escrever a história do povoamento”. E conclui num surpreendente lampejo de reflexão:

“Reunir a vida dessas famílias cuja sombra cobre regiões infinitas é possuir verdadeiramente a explicação social e religiosa do nosso passado. Naquelas rijas mãos de guerreiros e caçadores, vaqueiros e plantadores, amassava-se o barro de onde saiu o nordestino.”

Perguntem-se agora: — que tem isso a ver com a personalidade individual a cuja vida rendemos a nossa homenagem?

Direi que uma vida é a projeção de muitas outras que a precederam no seu caminho. Acrescentarei que uma existência guarda vinculações múltiplas no agregado painel de outras existências.

Compreenderemos assim que, no pélago profundo dos seres humanos, dormita inconsciente, mas inapagável, o sonho liberto, rebelde e construtor das nacionalidades. É que estas são feitas para servir à Humanidade. E a Humanidade, como disse Bourgeois, está composta mais de mortos do que de vivos. E marcha, como conceituava Blanch, não ao encontro da guerra, e sim da paz, não para a anarquia, mas para a ordem, não para o ódio, mas para a fraternidade — o Amor”.

Veremos do alto que entre os caminhos da Humanidade vagueia um herói desconhecido, o novo herói destes tempos íngremes — o intelectual. E este pôs de lado a couraça, a lança, o arnês e fez do pensamento a sua força, da palavra o seu dardo, da pena o seu sangue, do livro o escudo com que se defende, ataca e luta.

Para ele, tomando ao pé da letra um pensamento de Romain Rolland a respeito do artista, “dura é a vida. É um quo-

tidiano combate para os que não se resignam à mediocridade da alma. É um triste combate, as mais das vezes sem grandeza, sem felicidade, travado na solidude e no silêncio”.

A vida de Josafá Linhares expressa um combate de quem não se resignava à mediocridade envolvente nesta cidade em que o intelectual, filho da classe média e, mui raramente, da elite do poderio econômico dominante, é quase sempre dele afastado ou somente admitido, qual escravo grego, para prestar-lhe determinado serviço.

Alguns são mantidos como assessores ou meros agentes daquela nova espécie de “indústria cultural” cujo objetivo consiste, como diz Adorno, “em entorpecer a consciência dos seus consumidores, impedindo a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente”.

Aconteceu ainda que a esquizofrenia do desenvolvimento econômico pôs no lugar do intelectual clássico — ou pensador, “os tecnocratas frios, impessoais, impassíveis, constitucionalmente anti-humanistas, que, segundo assevera Nogare, tornaram-se praticamente os donos dos centros de decisão do poder”.

Josafá Linhares viveu os primeiros dias dessa hecatombe da qual não escapou o especialista de formação clássica que ele soube ser com talento e cultura. Deixou-nos, porém, no rastreio luminoso de sua passagem, copiosas fontes para os estudos da problemática econômica nacional e regional, opúsculos, livros, que guardam um conteúdo maciço de ensaios bem delineados, entre os quais deveremos nos reportar aos seguintes:

- *O Integralismo à luz da doutrina social católica* — 1933;
- *A Moeda e as finanças públicas* — 1936;
- *O Mil-réis e a política financeira do Brasil* — 1937;
- *Prêmios do dinheiro ou taxas do capital* — 1937;
- *A Moeda bancária e a função dos bancos na vida econômica* — 1943;
- *Organização bancária nacional* (sugestões apresentadas ao projeto da Reforma Bancária) — 1947;
- *O Processo inflacionário no Brasil* — 1953;
- *O Desenvolvimento econômico do Nordeste* — 1957;
- *A Margem do plano trienal* — 1963;
- *Podem os bancos criar depósitos?* — 1966;
- *O Humanismo e as duas culturas* — 1971;
- *A Reforma tributária e sua implicação nas finanças dos Estados e Municípios* — 1973.

Tratando de temas tão sérios e áridos em que mergulhava como escafandrista das ciências econômicas, deles cuidava com o vigor descritivo da linguagem limpa, escorreita e harmoniosa.

Empregava o método dialético e assim considerava coisas e conceitos no encadeamento das relações mútuas, vendo nas ações seu nascimento, seu desenvolvimento, sua decadência. (Engels).

Seu tratado sobre a Reforma Tributária, em pensamento maciço de 523 páginas, publicado pela Fundação Getúlio Vargas, sob os auspícios da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando da Reitoria do nosso eminente confrade e conterrâneo Djacir Menezes, é o documento mais alto e profundo, denso e completo sobre o assunto, da mente de professor cearense.

O autor fundamenta e instrui o seu estudo em sã doutrina, que desenvolve com experiência e erudição com que trata dos princípios gerais reguladores da tributação em uma economia monetária. Após oferecer noções gerais sobre a moeda e correção monetária, aborda o processo inflacionário no Brasil.

Passando aos diversos aspectos dos estudos financeiros, examina entre outros a contribuição keynesiana para uma política fiscal. Trata da política fiscal, dos ingressos públicos e examina a sua classificação. Estudando os sistemas tributários e as tentativas de racionalização, enfoca sob estes aspectos o problema dos desequilíbrios regionais entre os Estados do Nordeste e os do Sul. Considera o problema da Zona Franca. E penetrando com agudeza e inteligência os problemas, resolve a massa dos fatos com sabedoria de argumentos em defesa das economias regionais espoliadas.

A II parte do livro é dedicada a aspectos específicos da Reforma Tributária, a partir da Emenda Constitucional n.º 18. Sob a rigidez dos números, considera a flexibilidade na política fiscal, sua coordenação com a política monetária e cambial. Na trama urdida da estrutura agrária, examina o imposto territorial rural. É a esta altura que, concordando com uma tese por nós defendida, cita-nos um tópico, segundo o qual, "não é só a relação terra-homem que infelicitiza pela concentração da propriedade em mãos de poucos o setor primário. A questão transporta-se igualmente às relações intersectoriais, cujo desequilíbrio resultante da estrutura geral em sua complexidade é preciso examinar: uma reforma agrária não poderá ter eficácia no Brasil, se o seu planejamento e execução limitar-se tão-somente à distribuição de glebas, deixando a descoberto aqueles outros setores do secundário e do

terciário, da indústria e do comércio, que mais usufruem e às vezes extorsivamente da mais-valia dos frutos da terra”.

E paremos aqui, em meio ao valiosíssimo tratado, em que o nosso Professor Josafá Linhares se mostra um dos mais sábios e diligentes mestres, cuja doutrina, cujo ensino não foi superado. Está em seus livros que devem ser abertos nas Universidades para a educação de alunos e mestres.

Paremos aqui, para mirá-lo naquela Cadeira vazia, para lembrar que ainda no mês passado, aos 83 anos, mas plenamente lúcido, ele subia as escadas desta Academia em assídua freqüência a suas reuniões.

Naquela idade, o tempo e os amigos desaparecidos em sua voragem o tornaram solitário. Solitário também em virtude da árida ciência em que se aprofundara, desligando-se do desfrutar da vida e transpondo o muito além da quimera de sua província. Aposentado, longe da Universidade que o esquecera, nem mais tinha com quem dialogar sobre a especialidade que tão atualizadamente sabia, e a tal ponto cultivava, chegando a revelar-nos que estava escrevendo mais um livro. . .

Algumas vezes sentava-me a seu lado, para ouvir-lhe os lampejos do pensamento humanista. À corrente do humanismo telúrico do Nordeste ele pertenceu ativamente.

Nutria-se das antigas e novas fontes a exemplo de Pascal, que tão amiúde citava: “Toda a nossa dignidade consiste, pois, no pensamento. É daí que precisamos nos elevar e não do espaço e da duração que não saberíamos encher. Esforçemo-nos, pois, em pensar bem: eis aqui o princípio da moral.”

Dos modernos e recentes, acompanhava Georg Lukacs, para quem, não é a predominância dos motivos econômicos na explicação da história que distingue, de modo terminante, o marxismo, da ciência burguesa, mas o ponto de vista da totalidade:

“A categoria da totalidade, a predominância universal e determinante do todo sobre as partes constitui a própria essência do método, que Marx emprestou de Hegel e transformou de maneira a fazê-lo a fundamentação original de uma ciência inteiramente nova. . . A predominância da categoria da totalidade é o suporte do princípio revolucionário na ciência.”

Mantinha a convicção de que a integração dos homens que pensam e sentem se fará pelo humanismo. E a respeito da arte assim concluía: — “Eu não admito a arte pela arte. Agrada somente, sem dar sentido à vida. . . O homem de letras tem de ser sentimento e inteligência; a sua obra deve

ter um sentido, sob pena de não passar de um simples literato ou de um erudito sem compreensão.”

Rendamos a nossa homenagem ao companheiro desaparecido, cuja voz não se apague com uma lágrima, mas reacendamos no tempo, com a força revolucionária do pensamento, a sua mensagem ardente como uma saga em verso de dor.